



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR BARROS ARAÚJO



VANESSA DE SÁ E SOUSA

**ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ALUNOS
AUTISTAS**

PICOS-PIAUÍ
2024

VANESSA DE SÁ E SOUSA

**ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ALUNOS
AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Estadual do Piauí, *Campus* Professor Barros Araújo, como requisito para a obtenção do título de Licenciado(a) em Educação Física.

Orientador: Prof^ª. Me. Ayla de Jesus Moura

PICOS-PIAUI
2024

S725e Sousa, Vanessa de Sa e.

Estratégias de inclusão na educação física escolar: percepções
e práticas dos professores em relação aos alunos autistas /

Vanessa de Sa e Sousa. - 2024.

47f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, em
Licenciatura Educação Física, campus Professor Barros Araújo,

Picos-PI, 2024.

"Orientador: Prof^a. Me. Ayla de Jesus Moura".

1. Atividade Física. 2. Inclusão Escolar. 3. Transtorno do
Espectro Autista. I. Moura, Ayla de Jesus . II. Título.

CDD 796

VANESSA DE SÁ E SOUSA

**ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS
ALUNOS AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Estadual do Piauí, *Campus* Professor Barros Araújo, como requisito para a obtenção do título de Licenciado(a) em Educação Física.

Aprovado em: 18/12/2024

Banca Examinadora:

Prof^ª. Me. Ayla de Jesus Moura – Orientador(a)/Presidente
(Universidade Estadual do Piauí – UESPI, *Campus* Professor Barros Araújo)

Prof^ª. Me. Edênia Raquel Barros Bezerra de Moura – Membro examinador
(Universidade Estadual do Piauí – UESPI, *Campus* Professor Barros Araújo)

Prof^ª. Esp. Joana D'arc Teotônio – Membro examinador
(Instituto Federal do Piauí – IFPI, *Campus* Picos)

A minha dedicação é especial a Deus, pois sem ele não teria capacidade de chegar até aqui.

Também dedico aos meus filhos, esposo, meus pais, meu irmão e meus avós, sogra e sogro, pois é graças a ajuda de cada um deles que hoje posso concluir o meu tão sonhado curso.

A todos que acreditaram no meu potencial, mesmo quando eu própria duvidei.

AGRADECIMENTOS

Ao final desta jornada, marcada por desafios, aprendizados e conquistas, quero dedicar um momento especial para expressar minha gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado saúde, forças e determinação para superar cada obstáculo, guiando-me em todos os momentos desta caminhada e dando-me suporte para não desistir. Sem essa força superior, essa conquista não teria sido possível.

Aos meus pais, meu irmão e familiares próximos, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo amor incondicional, apoio emocional e incentivo.

A meu esposo, Josué Rocha que foi a todo minuto meu maior suporte e rede de apoio, minhas palavras são insuficientes para agradecer todo que foi e é para mim, por aceitar todas as minhas escolhas e por ser não apenas um maravilhoso PAI para nosso pequeno, ser mãe, pois na maioria do tempo foi com você que ele esteve e esteve muito bem cuidado e amado. Agradeço profundamente pela paciência, compreensão e motivação, mesmo nos momentos de maior cansaço e dificuldade.

José Heitor, mamãe esteve por muito tempo ausente em maioria do seu desenvolvimento mas quero te dizer, tudo isso é para você e seu irmãozinho vocês nunca foram motivo para mamãe desistir de cada sonho, pelo contrário, vocês são apenas a razão de tudo isso acontecer! Vocês são minha base, sustentação e fonte de inspiração ao longo de toda essa trajetória.

À minha orientadora Prof^o Me. Ayla de Jesus Moura, que com dedicação e generosidade compartilhou seus conhecimentos, oferecendo orientação essencial para o desenvolvimento deste trabalho. Sua paciência, atenção aos detalhes e incentivo foram fundamentais para que eu pudesse alcançar uma compreensão mais profunda do tema e produzir um trabalho de qualidade. Suas sugestões e críticas construtivas foram preciosas, e sua experiência tornou-se uma bússola que me guiou em momentos de dúvida, o meu muito obrigada.

Aos meus amigos e colegas de curso, que compartilharam comigo os momentos de estudo, tensão e alegrias. Vocês trouxeram leveza e descontração aos dias mais intensos, e a troca de experiências e aprendizados foi fundamental para que pudéssemos crescer juntos. Em Especial Fabiana Barbosa e Gislayne Araújo que não são apenas amigas, são umas

verdadeiras irmãs agradeço pelo apoio, pela cumplicidade, pela irmandade, por serem tão prestativas e por acreditarem na minha capacidade, levarei vocês no meu coração.

Agradeço aos membros da banca de qualificação e defesa, Prof^ª. Me. Edênia Raquel Barros Bezerra de Moura, minha examinadora, coordenadora e professora que sempre esteve presente durante a caminhada uma pessoa de inúmeras qualidades e de uma inteligência sem igual, obrigada por ser tão prestativa, pela disponibilidade e valiosas contribuições para esse trabalho.

Não posso deixar de mencionar os professores da instituição UESPI, que, de forma direta ou indireta, contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Agradeço pelo empenho em transmitir conhecimento, pela dedicação em criar um ambiente acolhedor, inspirador e pela disposição em ajudar sempre que necessário.

E, por fim, a todos que, de alguma forma, estiveram ao meu lado, oferecendo incentivo, palavras de apoio e motivação nos momentos mais difíceis. Cada gesto, por menor que tenha sido, foi essencial para que eu pudesse continuar e dar o meu melhor nesta trajetória.

A todos, meu sincero agradecimento.

“No mundo do autismo, um bom professor é aquele que entende, em primeiro lugar, que pode aprender muito com a criança com autismo”.

Luciana Brites

RESUMO

O autismo é um transtorno complexo do neurodesenvolvimento que envolve atrasos e comprometimento nas áreas de interação social e linguagem, incluindo uma ampla gama de sintomas emocionais, cognitivos, motores e sensoriais. Afeta áreas do desenvolvimento como a comunicação, interação-social e geralmente associado a comportamentos repetitivos (estereotipias), sendo classificado em níveis de suporte um, dois ou três. Nessa perspectiva o objetivo do estudo foi identificar as estratégias utilizadas por professores de Educação Física para inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). O trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa de campo de modo transversal qualitativo, no qual a amostra foi composta por três professores de Educação Física de três escolas municipais da área urbana de Monsenhor Hipólito- PI. Como instrumento de pesquisa foi aplicado um questionário semiestruturado com questões sociodemográficas e com 05 (cinco) categorias: I - Entendimento sobre o TEA; II - Entendimento sobre inclusão; III – Estratégias de inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física; IV - Desenvolvimento motor, cognitivo e social do aluno; e V – Sugestões adicionais para inclusão de alunos com TEA. Para a análise dos dados foi empregada a apreciação de conteúdo desenvolvida em três momentos: a préanálise, a descrição analítica e por fim, a interpretação referencial. A análise mostrou que nas aulas de Educação Física Escolar, as estratégias para atender alunos com TEA focam na adaptação do ambiente, com atividades como jogos, brincadeiras, danças, alongamentos e suporte individual e coletivo. No entanto, a inclusão desses alunos ainda é limitada. Professores destacaram a necessidade de capacitação e de que a escola ofereça métodos e recursos educativos. Há uma demanda significativa por especialização, especialmente entre aqueles sem formação específica, o que dificulta a inclusão e pode prejudicar o desenvolvimento dos alunos.

Palavras-chave: Atividade Física. Inclusão Escolar. Transtorno do Espectro Autista.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo geral	12
2.2 Objetivos específicos.....	12
2.3 Hipótese.....	12
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3.1 Transtorno do Espectro Autista	13
3.2 Educação Física x Inclusão do Estudante com Autismo	15
3.3 O Papel do Professor de Educação Física na Inclusão de Crianças Autistas	17
4 MATERIAIS E MÉTODOS	19
4.1 O local de realização da pesquisa.....	19
4.2 Características da amostra	19
4.3 Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa.....	19
4.3.1 <i>Critérios de Inclusão:</i>	19
4.3.2 <i>Critérios de exclusão:</i>	20
4.4 Método a ser utilizado	20
4.4.1 <i>Coleta de dados</i>	21
4.5 Garantias éticas aos participantes da pesquisa	21
4.6 Critérios de encerramento ou suspensão de pesquisa.....	22
4.7 Divulgação dos resultados	22
4.8 Análise de dados.....	22
4.9 Riscos e benefícios	23
4.9.1 <i>Riscos</i>	23
4.9.2 <i>Benefícios</i>	23
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
6 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
APÊNDICES.....	39

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, vive-se num ambiente de grande tensão pelos direitos de todas as minorias, incluindo aquelas pessoas que sofrem de alguma necessidade especial, como crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que continuam sendo excluídas pela sociedade (Lopes, 2011). Entende-se como autismo, um transtorno complexo do neurodesenvolvimento que inclui atrasos e prejuízos nas áreas de interação social e linguagem, incluindo uma série de sintomas emocionais, cognitivos, motores e sensoriais (Greenspan; Wieder, 2006), afetando três áreas do desenvolvimento: comunicação, social, interativo e muitas vezes associado a comportamentos repetitivos (estereótipos) (Lacerda, 2017).

Almeida (1997), ao estudar as relações entre crianças em idade escolar na perspectiva de Hartup (1992), afirmou que a interação com os pares não traz apenas experiências necessárias para o desenvolvimento de habilidades sociocognitivas. A interação com outras crianças proporciona aos autistas experiências que podem contribuir para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional.

Desta forma, o trabalho do professor de Educação Física torna-se necessário para conhecer as capacidades dos alunos com TEA, devendo ser feito de forma preparada e motivada, com conteúdo que estimule o prazer e a criatividade, adaptando-os aos diferentes níveis de aprendizagem, bem como das particularidades dos alunos (Iaochite *et al.*, 2016).

Além disso, de acordo com um estudo dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA (CDC, 2023), a cada nova pesquisa realizada, os dados sobre a prevalência de TEA mudam, em que para cada 36 crianças aos 8 anos, uma foi diagnosticada. Isto significa, portanto, que 2,8% desta população é autista, relevando aumento em relação à pesquisa anterior (elaborada em 2021), onde a proporção era de um em 44.

O aumento da incidência de TEA está associado ao crescente acesso aos serviços de diagnóstico e da conscientização da população para que a equipe multidisciplinar do paciente faça o diagnóstico primário (CDC, 2021). Fadda e Cury (2016), afirmaram que a frequência de diagnóstico de TEA tem aumentado devido à difusão dos meios para o conseguir, bem como ao maior acesso da população às tipologias de intervenção.

Segundo Belisário Filho e Cunha (2010), as relações emocionais e sociais, desde o primeiro contato de cuidado com a família até as interações em ambientes mais amplos como a escola, estão relacionadas ao desenvolvimento das funções mentais das crianças autistas. A complexidade deste distúrbio desafia não apenas as pessoas afetadas, mas também as suas famílias, educadores e profissionais médicos. No contexto educativo, a inclusão de crianças com TEA é uma área cada vez mais importante, com implicações legais significativas e desafios profissionais. Nesse contexto, surge a problemática: quais as estratégias utilizadas pelos professores para incluir alunos com TEA nas aulas de Educação Física escolar?

Desse modo, Hollerbusch (2001), argumenta que os professores devem possuir habilidades para ensinar de forma eficaz e envolvente, enquanto cultivam relacionamentos positivos com cada aluno, colegas de classe e grupos em geral. A presença da educação inclusiva nas escolas de ensino regular está em constante crescimento. No entanto, alguns professores expressam a necessidade de uma base teórica mais sólida para lidar com essa realidade, especialmente quando se trata de Educação Física adaptada, onde o conhecimento pode ser insuficiente.

Para Tomé (2007), a Educação Física visa promover um amplo desenvolvimento social e físico dos alunos autistas, além de contribuir para diversos aspectos fundamentais, incluindo uma notável melhoria na interação social e comportamental com os colegas, proporcionando uma série de benefícios adicionais. Inserir um aluno com autismo nas aulas de Educação Física é fundamental para fomentar a inclusão desde cedo, ajudando a evitar sua marginalização na sociedade. Além disso, a prática de atividade física traz benefícios para os indivíduos com autismo, mas suas atividades precisam ser adaptadas de acordo com o nível de autismo do estudante.

Conforme as Diretrizes Nacionais Para a Educação Especial na Educação Básica (2001), é necessário que todas as instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, ofereçam educação especial baseada nos preceitos da escola inclusiva. Isso implica não apenas assegurar a inclusão no registro escolar, mas também prover as condições essenciais para o êxito acadêmico de todos os alunos, inclusive os que possuem autismo. (Brasil, 2001)

Destarte, a relevância desta pesquisa é lógica, pois a inserção de indivíduos com TEA nas salas de aula é cada vez mais frequente. No entanto, isto não significa necessariamente que as crianças sejam verdadeiramente incluídas, muitas vezes são abandonadas pelos professores que se sentem despreparados para atender esta necessidade, como aponta Seabra Júnior (2006).

Nesse sentido, cabe ressaltar que ao aproveitar as unidades temáticas da Base Nacional Comum, o escopo do conhecimento em Educação Física é ampliado do ponto de vista acadêmico, por meio da oferta de cursos teóricos e práticos voltados para o ensinoaprendizagem, bem como refletir sobre os valores para o desenvolvimento da plena realização dos seus direitos educacionais.

Por fim, compreender as perspectivas e os interesses de investigação sobre este tema são importantes para saber se o processo de inclusão ocorre no ambiente escolar e quais os percursos utilizados pelos professores para atingir os objetivos de ensino-aprendizagem.

Com base no exposto, o presente estudo visou identificar as estratégias utilizadas por professores de Educação Física para inclusão de alunos com o TEA em escolas municipais da área urbana de Monsenhor Hipólito- PI.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Identificar as estratégias utilizadas por professores de Educação Física para inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em escolas municipais da área urbana de Monsenhor Hipólito- PI.

2.2 Objetivos específicos

- Investigar as percepções dos professores de Educação Física sobre a inclusão de alunos com TEA em suas aulas;
- Mapear as estratégias atualmente utilizadas pelos professores de Educação Física para promover a participação e inclusão de alunos com TEA nas atividades físicas escolares;
- Avaliar os desafios enfrentados pelos professores de Educação Física ao incluir alunos com TEA em suas aulas, bem como identificar possíveis áreas de melhoria nas práticas inclusivas.

2.3 Hipótese

Inicialmente, acredita-se que os professores empregam uma variedade de estratégias, incluindo a adaptação do ambiente escolar, rotinas bem estruturadas, adaptações curriculares, comunicação diferenciada e apoio individualizado, para promover a inclusão e o engajamento dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física. Em contrapartida, a hipótese alternativa seja de que os professores enfrentam desafios significativos na inclusão de alunos com TEA devido à falta de recursos adequados, treinamento especializado e apoio institucional, resultando em uma menor eficácia das estratégias de inclusão utilizadas ou até mesmo a não realização delas.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Transtorno do Espectro Autista

No Manual Diagnóstico e Estratégia de Transtornos Mentais- DSM-5, publicado pela Associação Americana de Psiquiatria (APA), o termo Autismo é descrito como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), incluído entre os distúrbios do neurodesenvolvimento. O TEA é definido como “um transtorno do desenvolvimento neurológico e global, que está presente desde a infância, apresentando importantes déficits nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais” (Nunes; Azevedo; Schmidt, 2013, p. 558).

Inicialmente, o TEA foi objeto de diversas análises e estudos que o caracterizam pelos déficits de comunicação e interação social em vários contextos, bem como pelos padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses ou atividades. Essas crianças demonstram ser detalhistas, apegadas às rotinas, movimentos e comportamentos estereotipados. Elas também apresentam sensibilidade ao toque, tendem a andar na ponta dos pés, resistem a mudanças e, em alguns casos, exibem comportamentos eufóricos, dentre outras características que podem ser observadas (Schwartzman *et al.*, 2011).

Haja vista, os sintomas geralmente são detectados no início da infância e podem restringir ou prejudicar significativamente a aprendizagem diária das crianças afetadas. Apesar de ser identificado cedo, o diagnóstico muitas vezes é feito tardiamente, seja devido à falta de informação ou à resistência dos pais, que ainda podem não aceitar plenamente a condição, mesmo neste século XXI. Além disso, o diagnóstico apresenta complicações pela dificuldade em mapear os comportamentos dos autistas durante as consultas (DSM-5, 2014).

Nesse sentido, as crianças com TEA devem ser estimuladas para alcançarem seu pleno desenvolvimento, para isso tem a necessidade de estar na escola. Quanto mais cedo houver o diagnóstico e intervenção, maiores serão as chances de desenvolver suas potencialidades e assim possam ser incluídas efetivamente na sociedade (Chicon, 2005).

Logo, de acordo com os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), a população brasileira é de 203.062.512 habitantes, refletindo um crescimento populacional de 6,45% desde a última pesquisa realizada em 2010. Com a inclusão de um novo critério na pesquisa para identificar a porcentagem de pessoas com TEA no Brasil, estima-se que existam aproximadamente 2 milhões de autistas no país, o que corresponde a 10% da população total.

Além disso, em 1943, o Dr. Leo Kanner, um médico austríaco, conduziu estudos que catalisaram uma série de pesquisas sobre o TEA. Ele notou uma vasta gama de severidades, indo desde casos leves até graves, enfatizando a importância de reconhecer essa diversidade de manifestações dentro do espectro autista. Kanner identificou a dificuldade de relacionamento com pessoas em várias situações, principalmente sociais, como um sintoma fundamental do "autismo" (Kanner, 1943).

Bem como, as análises realizadas por Kanner sobre o autismo desempenharam um papel crucial no desenvolvimento de teorias e modelos destinados a explicar suas origens. Durante muito tempo, o transtorno foi interpretado como um problema emocional, com suas causas sendo atribuídas às interações familiares com a criança autista. Até meados da década de 1960, o autismo era percebido como um distúrbio emocional, sendo os pais responsabilizados pela falta de expressão de afeto na criação de seus filhos (Belisário Filho; Cunha, 2010).

Como se pode ver, a tríade do espectro autista é composta por três fatores que podem estar desordenados em uma pessoa com TEA, abrangendo aspectos de socialização, comunicação e comportamento (Savall; Dias, 2018). Esses elementos fundamentais refletem as dificuldades enfrentadas por pessoas com autismo ao interagir socialmente.

Segundo a APA (2022), os três níveis da tríade são: Nível 1- Podem depender menos de apoio externo no dia a dia para realizar as tarefas cotidianas, podendo apresentar respostas atípicas para as interações sociais e padrões de comportamentos repetitivos e restritos, dificuldades na interação social e dificuldade em trocar de atividades problema na organização e planejamentos. Nível 2- A pessoa pode precisar de um pouco mais de apoio nas atividades da vida diária, como comer, trocar de roupa ou tomar banho. Podem apresentar sensibilidade ao toque, atraso na fala, pouco ou nenhum contato visual, dificuldade em lidar com mudanças entre outros. Nível 3- Precisa de muito apoio substancial nas tarefas do dia a dia, desde as mais simples a mais complexas. Elas têm graves déficits na comunicação e interação social, extrema dificuldade em lidar com

mudanças e nos padrões de comportamentos restritos e repetitivos que interferem no funcionamento de todas as esferas.

Com base no estudo de Silva (2012), pessoas com autismo apresentam dificuldades na socialização, com variados níveis de gravidade. Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas, inclusive para alguns profissionais. Estas últimas apresentam apenas traços do autismo, porém não fecham diagnóstico.

Em síntese, cada pessoa com TEA apresenta sinais e sintomas particulares, mas alguns deles costumam ser mais comuns, como, estereotípias, manipulação digital persistente, olhar fixo, insistência em aderir a rotinas, sorriso sardônico, interesse e sensibilidade sensoriais atípicos, dentre outros. Vale frisar que alguns podem estar presentes e outros não, com intensidade e gravidade diferentes em cada caso (Assumpção Jr., 2005).

3.2 Educação Física x Inclusão do Estudante com Autismo

A Educação Física (EF) desempenha um papel crucial, sobretudo, no desenvolvimento integral dos alunos, abrangendo habilidades motoras, cognitivas, sociais e afetivas, promovendo sua integração na sociedade. Desse modo, os alunos com transtornos ou deficiências físicas devem ser incentivados a participar das aulas de EF, pois isso contribui para seu desenvolvimento global (Tomé, 2007).

No caso dos alunos autistas, para que possam melhorar suas habilidades sociais e qualidade de vida, é fundamental que os professores contem com o suporte de uma equipe multidisciplinar, visto que a EF sozinha não é suficiente para atender a todas as suas necessidades, dada a variação na manifestação do autismo em cada indivíduo (CDC, 2021).

Logo após várias pesquisas voltadas para o presente assunto, segundo dito de Mendonça (2019), a EF é uma disciplina tão importante quanto as outras, por este modo os alunos devem sentir prazer pelas brincadeiras, as quais devem estar de acordo com o seu público, no caso os alunos de todos os tipos, a Educação Física adaptada é uma subdivisão da convencional, onde brincadeiras e conteúdos serão adaptados para que todos os alunos inclusive os com dificuldades físicas, motoras e psicológicas possam participar sem se sentirem excluídos de alguma forma, tendo como objetivo uma educação acessível a todos.

Evidentemente, os desafios da EF para alunos com TEA são multifacetados e exigem abordagens sensíveis e adaptativas. Para esses alunos, questões sensoriais, dificuldades de

comunicação e interação social acabam alterando sua participação e engajamento nas atividades físicas. Adaptá-los ao ambiente e aos exercícios tem uma grandiosa importância, pois dessa maneira irá atender às necessidades individuais, fornecer apoio emocional e comunicação clara, além de incentivar a inclusão e o respeito mútuo entre os colegas, são aspectos essenciais para promover uma experiência educacional positiva e inclusiva na educação física para alunos com TEA (Winnick, 2004).

Devido as dificuldades qualitativas na interação, comunicação e até mesmo na imaginação, o convívio da criança autista, por meio da inclusão com as outras crianças do ensino regular, no ambiente escolar, é de grande valor, pois estimula o desenvolvimento de suas capacidades interativas, impedindo seu isolamento. Como a inclusão é uma forma de movimento mundial, na busca de direitos e lugar na sociedade, o local que vai acolher o aluno autista deverá modificar-se e preparar-se para recebê-lo de forma que ele se sinta acolhido e confiante, tanto com quem irá acompanhar o seu desenvolvimento como também em relação ao ambiente, como diz os autores Lopes; Fachada (2012).

Verdadeiramente, o conceito geral de EF escolar inclui duas divisões na disciplina: a EF inclusiva e a EF adaptada, seguindo a linha de estudo de Mendonça (2019). Há uma diferença entre elas: na EF inclusiva, as aulas são planejadas de modo que todos seus alunos participem de maneira igual e acessível, já na adaptada é um pouco diferente, os alunos com condições especiais participam da aula, mas em um espaço totalmente adaptado. Contudo, a prática das duas modalidades requer um ambiente acessível, que promova a inclusão e a valorização das diferenças.

Desta maneira, Ferreira (2017) explana que o objetivo da EF adaptada é integrar os alunos com necessidades especiais, em especial o autista, em relação à adaptação e às normas disciplinares, tanto nas aulas teóricas como nas aulas práticas, pois por diversas vezes, o professor tem que optar pela dispensa desses alunos das aulas de Educação Física ou por deixá-los apenas observando as atividades e os colegas, fazendo com que se sintam diferentes e inferiores aos demais.

Além disso, a sensibilidade e o treinamento voltado aos professores são de suma importância, pois assim irá garantir que as aulas de Educação Física possam a cada dia se tornar inclusivas e eficazes. A desconstrução de estigmas e preconceitos em relação às pessoas com deficiência, promovendo uma cultura de respeito e valorização da diversidade. Superar esses obstáculos requer um esforço conjunto da sociedade, instituições educacionais, profissionais da área e políticas públicas voltadas para a inclusão e acessibilidade (Obadia, 2016).

Em resumo, a inclusão efetiva de estudantes com autismo na EF escolar requer não apenas compreensão e adaptação, mas também um compromisso contínuo com a individualização e a acessibilidade para garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de se envolver plenamente e desfrutar dos benefícios desta disciplina.

3.3 O Papel do Professor de Educação Física na Inclusão de Crianças Autistas

A função desempenhada pelo profissional de EF na inclusão de crianças autistas é essencial para garantir que esses alunos tenham acesso a atividades físicas e esportivas adaptadas às suas necessidades específicas. Para isso, é essencial que o professor esteja capacitado para compreender as características do autismo e suas possíveis manifestações durante as aulas de EF. Isso inclui ser sensível às necessidades individuais de cada criança, adaptando os exercícios, as regras e o ambiente de acordo com suas habilidades e limitações (Souza, 2016).

Nessa mesma lógica, o professor exerce um papel fundamental na promoção da interação social entre os alunos autistas e seus colegas, criando um ambiente inclusivo e acolhedor. Ao oferecer suporte e estímulo adequados, o professor de Educação Física colabora para o desenvolvimento físico, emocional e social dessas crianças, promovendo sua participação ativa e integrada nas atividades escolares e na comunidade em geral (Cardoso; Bastilha, 2010).

Barberini (2016), menciona que para desempenhar seu papel de forma eficaz, o professor deve constantemente manter o contato visual com os alunos que têm autismo. Isso ajuda a promover a comunicação e facilita a mediação de interações sociais, incluindo brincadeiras entre os alunos. Além disso, é essencial usar uma linguagem simples e clara para garantir que as instruções e informações sejam compreendidas por todos os alunos, independentemente de suas habilidades de comunicação.

De acordo com uma pesquisa conduzida por Costa, Ferreira e Leitão (2017), é evidente que o planejamento da prática do professor de EF com alunos que possuem TEA deve incluir a escolha e implementação de atividades contextualizadas, ou seja, aquelas que tenham relevância para a vida cotidiana desses alunos. Bezerra (2012) também argumentou que a prática regular de exercícios físicos durante as aulas de EF pode contribuir para o desenvolvimento global dos alunos com TEA, promovendo não apenas aspectos motores, mas também melhorando sua interação social.

Marocco e Rezer (2010), acentuam que o profissional de EF deve aplicar atividades baseando-se no gosto da criança, não estabelecendo algo que ele nunca teve contato ou não aprecia, acrescentando-as gradativamente conforme a criança for se adaptando. Neste

mesmo entendimento, Tomé (2007) expõe que os profissionais devem utilizar atividades coerentes com a realidade da criança em função da tríade autística, caso contrário pode dificultar a aprendizagem e até mesmo causar frustração.

Com fundamentação no estudo de Chicon e Carvalho (2014), todos os professores que estão na sala de aula devem ter consciência sobre a importância de seu papel para a inclusão, sendo necessário adotar uma perspectiva educacional que valorize as diversidades e que seja comprometida com a construção de uma sociedade inclusiva e não somente adaptar a disciplina. Professores que entendem que tem dificuldades, mas sempre buscam, de alguma forma, incluir seu aluno com deficiência e necessidades especiais em suas aulas, age em prol da inclusão escolar e, conseqüentemente, para a inclusão social deles.

Portanto, é esperado que o professor de EF desenvolva novas abordagens para elaborar e conduzir suas aulas, visando a participação de todos os alunos, ao mesmo tempo em que reconhece e atende às suas diferenças individuais, promovendo a valorização da diversidade e destacando o potencial de cada aluno. É fundamental que o professor esteja ciente das dificuldades e habilidades específicas de alunos com TEA, a fim de planejar as aulas de forma a incluí-los plenamente nas atividades. Cada aluno se apresenta de maneira única, portanto, conhecer individualmente cada um é essencial para criar uma educação que atenda às suas necessidades dentro do contexto social.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 O local de realização da pesquisa

A pesquisa foi realizada em três escolas municipais da zona urbana de Monsenhor Hipólito-PI, foram elas: Unidade Escolar Municipal Judith da Silva Lima (UEMJSL), Unidade Escolar Municipal Padre Cicero Romão Batista (UEMPCRB) e Unidade Escolar Municipal José Policarpo (UEMJP). Essas escolas foram escolhidas por possuírem uma quantidade significativa de alunos diagnosticados com TEA. As três escolas contavam com aproximadamente 500 alunos do ensino fundamental.

4.2 Características da amostra

A amostra foi composta por três professores de Educação Física, um de cada instituição de ensino participante, que ministravam aulas para alunos com TEA. Esta limitação se deu ao fato de que cada instituição contava apenas com um professor de Educação Física responsável pelo ensino das turmas que atendiam alunos com necessidades especiais.

4.3 Critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa

4.3.1 *Critérios de Inclusão:*

Para participar da pesquisa, os professores deveriam contentar os seguintes requisitos listados abaixo:

- Ter assinado o termo de consentimento, concordando com os termos para participar na pesquisa;
- Graduado e atuando na disciplina de Educação Física;
- Professor do ensino fundamental da zona urbana de Monsenhor Hipólito-PI;
- Ministras aulas para alunos com TEA em suas turmas.

4.3.2 *Crêterios de exclusão:*

A exclusão da participação na pesquisa ocorreria caso o participante não se enquadrasse em um dos cr terios descritos a seguir:

- Atuar na disciplina de Educação Física sem ser graduado na mesma;
- Não preencher todas as etapas da coleta de dados;
- Recusar-se a dar continuidade na pesquisa de forma voluntária.

4.4 Método a ser utilizado

Com base nos estudos do Lehfeld (1991), ele definiu pesquisa como o processo de inquirir de forma sistemática e intensiva, com o objetivo de descobrir e interpretar os fatos dentro de uma realidade específica.

O trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa de campo de modo transversal qualitativo, na visão de Minayo (2016, p. 23) “parte da realidade social, pois o ser humano não apenas age, mas também reflete sobre suas ações e interpreta sua existência dentro do contexto vivido e compartilhado com outros indivíduos”, sendo caracterizada como não probabilística casual intencional.

Como instrumento de pesquisa contou com a aplicação um questionário semiestruturado (APÊNDICE A) com questões sociodemográficas e elaborado com base na abordagem de Costa, Silva; Santos (2015), sendo adaptado em 05 (cinco) categorias: I - Entendimento sobre o TEA; II - Entendimento sobre inclusão; III – Estratégias de inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física; IV - Desenvolvimento motor, cognitivo e

social do aluno; e V – Sugestões adicionais para inclusão de alunos com TEA. Com isso, teve-se como principal objetivo investigar como acontece a inclusão das crianças com TEA nas aulas de Educação Física a partir da perspectiva dos professores da área, visando também identificar os desafios enfrentados, as práticas eficazes e possíveis sugestões para melhorias.

4.4.1 Coleta de dados

Para a coleta de dados, inicialmente foi solicitado à direção da escola a autorização para realização da pesquisa por meio da assinatura da Carta de Anuência (APÊNDICE B), bem como feito o convite aos professores de Educação Física, presencialmente. Nesse processo, foi esclarecido o principal objetivo do estudo, fazendo-se necessário um apanhado geral sobre o assunto a ser trabalhado, tornando importante verificar/conhecer quantos alunos autistas ali estão matriculados entre demais informações construtiva.

Posteriormente, foi agendada a coleta de dados com os professores, com base na disponibilidade destes e seguindo os critérios de inclusão e exclusão, em dois dias, sendo destinado um dia para cada escola.

Quadro 1 – Cronologia da coleta da pesquisa

Data	Etapas	Local	Instrumentos	Pesquisador
25/09/2024	01	UEMJSL	Questionário	Vanessa de Sá e Sousa
25/09/2024	02	UEMPCRB	Questionário	Vanessa de Sá e Sousa
26/09/2024	03	UEMJP	Questionário	Vanessa de Sá e Sousa

Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

4.5 Garantias éticas aos participantes da pesquisa

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da UESPI, em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) nº 466/12 e seus complementares que regulamenta as Diretrizes Éticas para Pesquisas que Envolvam Seres Humanos.

As ações éticas consistem em solicitar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C), bem como solicitação da autorização por parte da direção das escolas por meio da assinatura da Carta de Anuência, consentindo a

realização da pesquisa. Ademais, todos os participantes receberam informações claras e compreensíveis sobre o objetivo da pesquisa, respeitando, assim, os princípios éticos que regem a condução do estudo, incluindo o respeito aos princípios de autonomia, a proteção da privacidade, confidencialidade dos dados além de destacar o compromisso em seguir os princípios éticos e as regulamentações aplicáveis durante todo o processo de condução da pesquisa.

4.6 Critérios de encerramento ou suspensão de pesquisa

A pesquisa teve uma pausa baseada em situações que podem incluir a identificação de qualquer violação ética ou regulamentar durante a condução da pesquisa, a ocorrência de eventos adversos inesperados que ponham em perigo a saúde ou o bem-estar dos participantes, a falta de adesão aos procedimentos de pesquisa ou a evidência de que os objetivos da pesquisa não podem ser alcançados de forma segura ou eficaz.

4.7 Divulgação dos resultados

Os resultados da pesquisa estão sendo divulgados por meio de um artigo científico, que inclui a análise dos dados coletados, discussões e conclusões, compartilhados em revista e/ou redes sociais para alcançar um público mais amplo. Além disso, foi realizada uma apresentação pública para os interessados, destacando os principais achados da pesquisa, bem como entregue um relatório detalhado para cada um dos participantes com seus respectivos resultados.

4.8 Análise de dados

Para a análise dos dados foi empregada à apreciação de conteúdo, iniciando pela transcrição das respostas obtidas através do questionário em tabelas do *Microsoft Excel* 2010, sendo feita a análise descritiva. Para tanto, foi utilizada a análise de conteúdo com base na abordagem proposta por Bardin, a qual explica que “a análise de conteúdo constitui um bom instrumento de indução para se investigarem as causas (variáveis inferidas), a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores), embora o inverso, predizer os efeitos a partir de fatores conhecidos, ainda não esteja ao alcance da capacidade” (Bardin, 2016, p. 169).

Com isso, a análise foi desenvolvida em três momentos: a pré-análise, na qual os dados coletados foram organizados, bem como materiais que auxiliaram o entendimento do objeto de estudo; a descrição analítica, que sistematiza e define o material levantado tomando como base teorias e hipóteses, buscando descrições afins e contrárias; e por fim, a interpretação referencial, sendo esta a análise dos dados propriamente dita, que permeia uma reflexão embasada em fontes empíricas, concedendo uma ligação com a realidade, onde foi estruturadas as relações das ideias e obtido a elaboração escrita dos resultados.

4.9 Riscos e benefícios

4.9.1 *Riscos*

Por se tratar de uma pesquisa com aplicação de questionário, não teve riscos significativos ao participante. Por outro lado, por se tratar de um momento voltado para entrevista e observação entre o pesquisador e participante, poderia ter havido constrangimento por parte dos professores ao fornecer informações pessoais e profissionais, bem como dificuldades na compreensão das perguntas do questionário. No entanto, os participantes se sentiram à vontade para perguntar e tirar possíveis dúvidas, bem como foi explicado que as respostas pessoais e profissionais seriam divulgadas sem quaisquer identificações, e, sendo apenas para nível de informação e de pesquisa.

4.9.2 *Benefícios*

No que se faz referência aos benefícios, o estudo permitiu uma compreensão aprofundada das percepções e experiências dos professores em relação à inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física. Ao coletar dados de múltiplos professores, foi possível compreender perspectivas e opiniões não generalizadas sobre o tema.

Os resultados do questionário podem ajudar a identificar desafios enfrentados pelos professores e destacar práticas eficazes de inclusão que poderão ser compartilhadas e replicadas. As informações obtidas poderão servir de base para o desenvolvimento de estratégias e intervenções que promovam uma maior inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física escolar.

Portanto, essa pesquisa gerou informações importantes sobre como acontecesse a inclusão das crianças com TEA nas aulas de Educação Física e as possíveis estratégias que

podem ser aplicadas, contribuindo para os profissionais da área, bem como para a sociedade em geral.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo três professores de Educação Física que ministram aulas em turmas que incluem alunos autistas, de três escolas da rede municipal de ensino da cidade de Monsenhor Hipólito-PI. O objetivo da coleta de dados foi identificar o conhecimento desses professores em relação ao autismo, bem como às adaptações e à inclusão desses alunos em suas aulas. Para tanto, esse tópico foi organizado com base nas categorias apresentadas do formulário aplicado.

CATEGORIA I- Entendimento sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

- Defina, com suas palavras, o que é TEA:

PROFESSOR 1- “O transtorno do espectro autista (TEA) reúne desordens do desenvolvimento neurológico presentes desde o nascimento ou começo da infância”.

PROFESSOR 2- “É uma condição de saúde caracterizada por um atraso no desenvolvimento neurológico, além de alterações no comportamento, como movimentos repetitivos”.

PROFESSOR 3- “Acredito que seja a dificuldade de interação social e comunicação dos mesmos com determinadas atividades propostas, levando os a um comportamento de agitação e desatenção dependendo de cada grau”.

Conforme as respostas dos professores, foram fornecidos fragmentos de uma visão bem completa sobre o TEA, mas é fundamental combiná-las para uma compreensão integrada. Isso porque o TEA não é apenas uma questão de atraso no desenvolvimento (como sugerido pelo Professor 2) ou uma condição limitada à infância (como o Professor 1 indica). O autismo pode ser caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta, de diversas formas, a capacidade da pessoa de se comunicar, estabelecer relacionamentos e responder ao ambiente em que vive (DSM-5, 2014).

Assim, ele envolve uma trajetória diversa e contínua, com manifestações que variam em intensidade e podem incluir desde habilidades excepcionais até grandes desafios sociais. Além disso, como o Professor 3 traz, o comportamento agitado e a desatenção são respostas comuns a estímulos sociais e ambientais que a pessoa com TEA pode apresentar, destacando a importância de ambientes adaptados e intervenções educativas adequadas para promover a inclusão e o bem-estar desses alunos (Locateli, 2021).

Uma visão mais abrangente do TEA deve considerar sua diversidade de manifestações, a importância do diagnóstico precoce, a necessidade de suporte contínuo e a relevância de ambientes inclusivos para o desenvolvimento pleno dos indivíduos com espectro, sendo

imprescindível que o educador e qualquer outro profissional que trabalhe junto à pessoa com autismo seja um conhecedor da síndrome e de suas características inerentes. Porém, tais conhecimentos devem servir como sustento positivo para o planejamento das ações a serem praticadas e executadas [...] (Orrú, 2003, p.1).

Nessa perspectiva, o conhecimento aprofundado sobre a síndrome não apenas capacita os educadores a desenvolverem estratégias pedagógicas adequadas, mas também enriquece a experiência educacional dos alunos autistas, criando um ambiente mais acolhedor e favorável ao aprendizado. Portanto, é fundamental que esses profissionais utilizem esse conhecimento como base para suas ações, assegurando que as adaptações necessárias sejam implementadas de maneira consciente e efetiva.

CATEGORIA II- Entendimento sobre inclusão.

- Defina, com suas palavras, o que é inclusão escolar:

PROFESSOR 1- “Tem como objetivo garantir que todos, sem discriminação tenham acesso ao processo de ensino e aprendizagem de qualidade”.

PROFESSOR 2- “É um conceito que se refere a garantia de que todos os alunos tenham acesso e permanência na escola, independentemente de suas condições físicas, intelectuais ou necessidades especiais”.

PROFESSOR 3- “É a forma de aceitar e igualar alunos com algumas limitações dentro das atividades desenvolvidas no âmbito escolar”.

A inclusão escolar, segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, baseia-se em três princípios fundamentais: o acesso, a participação e a aprendizagem de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares (Fiorini; Manzini, 2018). Nesse contexto, é evidente que as respostas dos professores analisados alinham-se a essa perspectiva, reforçando a definição proposta pelos autores. Eles argumentam que a inclusão deve abranger todos os alunos, eliminando o processo de exclusão e enfatizando que essa prática deve ser implementada em qualquer ambiente educacional.

Nas palavras de Carvalho (2020), a inclusão escolar é um pilar essencial para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e acolhedora. Ao promover a diversidade e a igualdade de oportunidades, as escolas cumprem um papel crucial na formação de cidadãos capazes de conviver em um mundo cada vez mais diverso e interconectado. Quando valorizam as diferenças, as escolas não só preparam os alunos para lidarem com a diversidade que encontrarão ao longo de suas vidas, mas também cultivam uma cultura de respeito e valorização das habilidades e potenciais únicos de cada indivíduo.

Os benefícios da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) se estendem a toda a comunidade escolar. Ao criar um ambiente inclusivo, as escolas incentivam a cooperação, a empatia e a compreensão, habilidades essenciais para a convivência em sociedade. A diversidade de experiências e perspectivas enriquece o ambiente de aprendizado, promovendo a tolerância e o respeito mútuo. Além disso, a inclusão desafia os educadores a desenvolver práticas pedagógicas mais flexíveis e diferenciadas, que atendam às necessidades individuais de todos os alunos. Esse processo pode levar a uma abordagem de ensino mais holística e inclusiva, beneficiando não apenas os alunos com necessidades especiais, mas todos os estudantes (Stravogiannis, 2023).

CATEGORIA III- Estratégias de inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física.

-Você utiliza estratégias para inclusão de alunos com TEA nas suas aulas de Educação Física? Se sim, responda os três próximos itens dessa categoria.

PROFESSOR 1- "Sim"

PROFESSOR 2- "Sim"

PROFESSOR 3- "Sim"

- Quais estratégias específicas você utiliza para promover a inclusão de alunos com TEA em suas aulas de Educação Física?

PROFESSOR 1- “Adaptações do ambiente de aprendizagem, apoio individualizado, comunicação aberta e colaboração da família”.

PROFESSOR 2- “Trabalho atividades que favorecem o movimento do corpo, como alongamentos, passos de dança, atividades lúdicas, brincadeiras e socialização”.

PROFESSOR 3- “Deixá-los cientes de que são capazes, mesmo com suas dificuldades, e seus suportes para desenvolver o melhor adaptado a sua realidade. Mas, buscando neste acolher a compreensão e expressão de suas emoções”.

Ao analisar as respostas, torna-se visível que os professores têm uma visão adequada sobre o assunto, eles demonstram conseguir desenvolver bem as habilidades, criando assim, um ambiente acolhedor e agradável para os alunos autistas.

As adaptações curriculares e pedagógicas são essenciais para assegurar que o conteúdo e as metodologias de ensino sejam acessíveis a todos os alunos. Essas adaptações podem incluir a modificação dos materiais didáticos, o uso de estratégias diferenciadas de ensino, a diversificação das formas de avaliação e a criação de ambientes de aprendizagem flexíveis que respondam às necessidades individuais de cada estudante (Pposr; Visconti, 2021).

- Como você adapta suas atividades ou metodologias de ensino para atender às necessidades individuais dos alunos com TEA durante as aulas de Educação Física?

PROFESSOR 1- “Criação de um espaço tranquilo onde os alunos possam se sentir confortáveis para realização das aulas práticas e suporte na realização”.

PROFESSOR 2- “Busco sempre aprimorar meus conhecimentos em seguida observo as necessidades individuais de cada aluno, para que assim participem e interajam com todos”.

PROFESSOR 3- “É bem difícil adaptar as atividades devido os recursos por serem insuficientes para o trabalho mais específico destes alunos. Mesmo assim, o espaço é preparado para receber e aprender juntos”.

As respostas dos professores, embora distintas, apontam para aspectos fundamentais da prática educativa inclusiva. A criação de um ambiente acolhedor, o atendimento às necessidades individuais e o enfrentamento das limitações estruturais são pilares que precisam ser trabalhados de forma integrada. As falas propõem uma reflexão sobre como as escolas e os sistemas educacionais podem conciliar essas demandas, promovendo a formação continuada dos professores e garantindo recursos adequados para que todos os alunos tenham oportunidades reais de aprendizagem.

Corroborando com esses achados, Torres (2023) propõe que o acolhimento pedagógico de crianças autistas evidencia o envolvimento de toda a comunidade escolar e da família de modo essencial para sua adaptação, a recepção desses alunos deve ir além do mero cumprimento da lei, sendo efetiva e participativa, garantindo uma integração genuína no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, Roman, Molero e Silva (2020) refletem que apesar das dificuldades e imperfeições do processo, se esforçar para desenvolver, junto com o aluno, uma prática que atenda às suas necessidades e particularidades, promove a construção de um paradigma inclusivo. Esse movimento representa um progresso rumo a objetivos que não se limitam a padrões pré-estabelecidos de aluno ideal, mas visam promover o pleno desenvolvimento do potencial de cada estudante. A proposta valoriza a convivência com colegas sem deficiência e assegura o direito à singularidade de cada indivíduo.

Por fim, a discussão reforça que a inclusão educacional é um processo complexo e contínuo, que demanda não apenas esforço individual dos professores, mas também apoio institucional e políticas públicas. É primordial que se reconheçam as limitações enfrentadas por educadores e se busquem soluções que envolvam toda a comunidade escolar para criar ambientes mais equitativos e propícios ao aprendizado coletivo.

- Quais são as principais dificuldades ou desafios que você encontra ao tentar desenvolver/aplicar estratégias para incluir alunos com TEA em suas aulas de Educação Física?

PROFESSOR 1- “Dificuldade em fazer com que estes alunos tenham interação social, motivá-los para participação nas aulas práticas”.

PROFESSOR 2- “Dificuldade de comunicação, comportamento e falta de interação social”.

PROFESSOR 3- “A maior dificuldade para o ensino e aprendizagem destes alunos é a falta dos recursos adequados para atender suas necessidades e a capacitação para nós professores para lidar com todas as habilidades específica”.

As adversidades apresentadas pelos três professores revelam a profundidade do ensino inclusivo. A interação social, a comunicação e os recursos disponíveis são aspectos interdependentes que, juntos, podem atuar significativamente o sucesso do aprendizado. Esse achado reflete o estudo de Catelli, Assis e D’Antino (2016) realizado com profissionais da Rede Estadual de São Paulo, no qual relataram que dentre as dificuldades no ensino-aprendizagem de alunos autistas, destacaram-se a falta de informação, a carência de capacitação específica, a falta de apoio da gestão escolar e a ausência de discussões multidisciplinares, fatores que impactam diretamente o processo de ensino e aprendizagem. Esses obstáculos são apontados como principais causas para a limitação que muitos professores impõem a si mesmos, deixando de buscar novos conhecimentos ou de investir tempo para aprimorar suas práticas com as crianças. Justificativas como a falta de estrutura escolar, horários desfavoráveis ou limitações do ambiente físico são frequentemente citadas, tornando-se barreiras para a aplicação efetiva de metodologias adaptadas ao contexto dos alunos com TEA.

Dado isso, Montserrat *et al.* (2023) respaldam que apesar das dificuldades, os professores reconhecem a importância das aulas de Educação Física para crianças típicas e atípicas. Por isso, buscam promover a inclusão, incentivando a participação e motivando todos os alunos a se envolverem nas atividades. Considerando isso, a formação contínua dos educadores, a adequação dos recursos didáticos e o desenvolvimento de estratégias motivacionais pode ser o caminho para melhorar a experiência educacional desses alunos.

CATEGORIA IV- Desenvolvimento motor, cognitivo e social do aluno.

- Você percebe ou identifica melhoras no desenvolvimento motor, cognitivo e social de seus alunos a partir da vivência em suas aulas? Se sim, justifique.

PROFESSOR 1 - “Sim. É notável a evolução da condição corporal, socialização, tudo isso traz vários benefícios e proporciona maior bem-estar físico e psicológico”.

PROFESSOR 2 - “Sim. A cada evolução, interação e habilidade desenvolvida, fico feliz”.

PROFESSOR 3 - “Em alguns alunos sim. Vejo o semblante de alegria por está contribuindo para o seu desenvolvimento social e sentindo a importância de desenvolver seus hábitos e expressar suas emoções e comportamentos dentro da sociedade estudantil”.

Em análise as respostas dos professores, percebe-se que o impacto positivo das aulas de Educação Física, transcende o aspecto físico e promove um processo extensivo. Como identificado no estudo de Barbosa, Gallina e Nunes (2023), onde destacam a relevância das aulas de Educação Física para o desenvolvimento motor, cognitivo e social de crianças com TEA. No entanto, o estudo também aponta grandes desafios relacionados à qualificação dos profissionais nessa área.

Desse modo, em um contexto amplo, os benefícios da Educação Física vão além dos limites da sala de aula. Ao contribuir para o desenvolvimento social e o condicionamento físico de pessoas com autismo, a Educação Física também favorece avanços significativos no convívio social e no comportamento. Entre esses benefícios estão a melhora do estado emocional, a redução das estereotípias, o aumento da atenção (com diminuição da hiperatividade) e a redução da agressividade, atribuída ao aumento dos níveis de Bendorfina e adrenalina plasmática. Deste modo, a prática de atividades físicas auxilia na melhora do apetite, do sono e na sensibilidade a agentes farmacológicos (Silva *et al.*, 2018).

Dessa forma, as conquistas motoras, cognitivas e sociais alcançadas por esses alunos demonstram que a inclusão é possível quando há planejamento pedagógico satisfatório e engajamento afetivo por parte dos educadores. No entanto, a continuidade desses avanços depende de uma rede de apoio institucional e familiar, além de investimentos em capacitação docente e recursos pedagógicos convenientes.

CATEGORIA V- Sugestões adicionais para inclusão de alunos com TEA.

- Que tipo de suporte ou recursos adicionais você considera essencial para melhorar a inclusão e participação dos alunos com TEA em aulas de Educação Física? Aqui, você pode apresentar sugestões levando em consideração as estratégias que você já utiliza e outras que você acredita que também poderão ser aplicadas.

PROFESSOR 1 - “São muitos os avanços nessa área nos últimos anos, mas muito ainda precisa ser feito, maior investimento por parte do poder público, capacitação dos professores (que ainda encontram e sentem muita dificuldade de como colaborar para o desenvolvimento desses alunos)”.

PROFESSOR 2 - “Adaptação do espaço físico, e material didático adequado”.

PROFESSOR 3 – “Recursos lúdicos, jogos recreativos, bolas específicas, entre outros recursos adequados aos alunos e realidade vivenciada por aluno X professor”.

Em conjunto, as respostas dos professores validam uma visão integrada do que seria necessário para um ensino mais inclusivo. Os pontos levantados (investimento público, capacitação, adaptação do espaço físico e materiais didáticos, e uso de recursos lúdicos) se complementam e mostram que a inclusão escolar precisa ser vista como uma responsabilidade coletiva que abrange não só a atuação do professor, mas também o compromisso das instituições e do governo em prover as condições adequadas para que todos os alunos tenham oportunidades iguais de aprendizagem.

A capacitação dos professores é crucial para o sucesso da educação inclusiva. Um estudo de Santos, Paula e Jesus (2021), os autores identificaram a grande dificuldade enfrentada pelos profissionais e apontaram que a falta de conhecimento dos educadores representa um risco. Com base nisso, sugeriram que sejam oferecidas palestras ou minicursos sobre o tema ao corpo docente dentro da própria instituição de ensino, com o objetivo de suprir essa deficiência, uma vez que há reconhecimento da sua existência.

Diante desse cenário, para que a inclusão aconteça de forma efetiva, é essencial uma atuação pararela entre o poder público, as escolas e a comunidade, acompanhada de investimentos consistentes em capacitação e estrutura. Assim, a escola poderá se transformar em um ambiente genuinamente inclusivo, que promova a igualdade de oportunidades para todos.

6 CONCLUSÃO

A partir desta análise, observou-se que as estratégias realizadas nas aulas de Educação Física Escolar (EFE) para atender às necessidades dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) focaram principalmente na modificação do ambiente, onde se aplicaram jogos, brincadeiras, danças, alongamentos e apoio individualizado e coletivo. Embora os professores não estejam totalmente preparados para implementar adaptações, demonstraram capacidade para desenvolver atividades inclusivas, despertando o interesse dos alunos tanto em contextos coletivos quanto individuais, sem promover a competitividade e a desigualdade.

Além disso, foi possível notar que a inclusão de alunos com TEA nas escolas e nas aulas de EFE ainda não ocorre de maneira ideal. Os professores manifestaram a necessidade de capacitação e de que a escola assegure métodos, técnicas, recursos educativos específicos e tecnologias assistivas para atender essas demandas, reconhecendo a importância da Educação Física na vida das pessoas que necessitam de apoio. Contudo, é fundamental compreender e propor medidas que possam promover a participação plena e efetiva desses alunos, contribuindo assim para a integração social, o desenvolvimento motor e a qualidade de vida.

Assim, evidencia-se que a inclusão de alunos com TEA nas aulas de EFE é viável, promovendo o desenvolvimento pessoal e social dos alunos. Os relatos dos professores destacam que a participação ativa dos alunos nas aulas de EFE traz inúmeros benefícios, refletindo positivamente no comportamento familiar e escolar. Isso, por sua vez, contribui para um maior interesse desses alunos em participar e interagir em diferentes contextos.

No entanto, este estudo apresentou algumas limitações, especialmente relacionadas à organização dos dados. Um dos pontos a ser destacado é que a pesquisa envolveu apenas professores graduados em Licenciatura em Educação Física. Essa escolha visou estabelecer uma análise mais precisa da realidade do desenvolvimento das aulas pelos profissionais de Educação Física, seu relacionamento com os alunos e suas abordagens estratégicas em relação à educação inclusiva.

Portanto, é fundamental que sejam realizados estudos mais aprofundados sobre a temática, uma vez que, embora a inclusão seja amplamente discutida, ainda carecemos de conhecimentos atualizados e de uma verdadeira aplicação prática das diretrizes inclusivas. É necessário um olhar abrangente sobre as práticas de todos os professores que atuam na disciplina de Educação Física. Mesmo entre os graduados, há uma considerável demanda por especialização, e aqueles que não possuem formação específica enfrentam dificuldades significativas para implementar a inclusão, o que pode resultar em um retrocesso para os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. **As relações entre pares em idade escolar**. Um estudo de avaliação da competência social pelo método Q-sort. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade do Minho, Portugal, 1997.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION-APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA - APA. **Manual diagnóstico e**

estatístico de transtornos mentais, DSM-5-TR. 5. ed. Texto revisado. Washington, D. C, American Psychiatric Association, 2022.

ASSUMPÇÃO JR., F. B. Diagnóstico diferencial dos transtornos abrangentes de desenvolvimento. In: CAMARGOS JR., W. *et al.* (orgs.). **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º milênio.** 2. ed. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BARBERINI, K. Y. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo. v. 16, n. 1, p. 46-55, 2016.

BARBOSA, L.; GALLINA, I.; DA CUNHA NUNES, C. Percepção dos responsáveis por crianças com autismo sobre a importância das aulas de educação física escolar. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 31, 2023.

BELISÁRIO FILHO, J. F.; CUNHA, P. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento.** Brasília: Ministério da Educação; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

BEZERRA, T. L. **Educação inclusiva e autismo:** a educação física como possibilidade educacional. Paraíba: Realize, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Brasília: MEC/SEESP, 2001.

CARDOSO, V. D.; BASTILHA, R. R. Inclusão de alunos com necessidades especiais na escola: reflexões acerca da Educação Física Adaptada. **EFDeportes**. v. 15, n. 146, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd146/inclusao-de-alunoscom-necessidadesespeciais.html>. Acesso em: 08 mar 2024.

CARVALHO FILHA, F. S. S. *et al.* Aplicação da teoria de Callista Roy a pais/cuidadores de crianças autistas: uma proposta intervencionista. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 94, p. 32, 2020.

CATELLI, C. Q. *et al.* **O transtorno do espectro autista e a educação física escolar: a prática do profissional da rede estadual de São Paulo.** CIAIQ2016, v. 1, 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/592>. Acesso em: 20.set.2023.

CENTRO DE CONTROLE DE DOENÇAS - CDC. **Programa nacional de prevenção e controle de infecções relacionadas à assistência à saúde.** Brasília: 2023.

CENTRO DE CONTROLE DE DOENÇAS - CDC. **Programa nacional de prevenção e controle de infecções relacionadas à assistência à saúde**. Brasília: 2021.

CHICON, J. F.; CARVALHO, C. G. Formação continuada, Educação Física e inclusão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, sup., Florianópolis, p. 815-829, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2170/1127>. Acesso em: 20 mai. 2024.

COSTA; A. P.; SILVA, K. B.; SANTOS, W.L. Adaptações na educação física escolar para inclusão do aluno autista: um estudo de caso. In: VI Encontro Alagoano de Educação Inclusiva/ I Encontro Nordestino de Inclusão na Educação Superior, 6., 2015, Alagoas. **Anais...** Alagoas: UFA, 2015. V. 1, p. 5 – 10.

COSTA, C.; FERREIRA, M.; LEITÃO, M.; Aulas de educação física: inclusão escolar de estudantes com transtorno do espectro autista. **Revista Educação Online**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 80- 96, set./dez. 2017.

DOS SANTOS, Larissa Nascimento; DE PAULA, Vitor Matsui; DE JESUS. Ivan. Crianças com autismo nas aulas práticas de educação física—uma proposta de inclusão. **BIUSBoletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 28, n. 22, p. 1-14, 2021.

FADDA, G. M.; CURY, C. E. O enigma do autismo: contribuições sobre a etiologia do transtorno. **Revista psicologia em estudo**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 411-423, 2016.

FERREIRA, N. M. M. **A inclusão de crianças autistas nas aulas de educação física escolar no ensino regular**. 2017. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro Universitário de Brasília – Uniceub Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – Faces, Brasília, 2017.

FIORINI, M. L. S.; MANZINI, E. J. Concepção do professor de educação física sobre a inclusão escolar do aluno com deficiência. **Debates em Educação**, v. 8, n. 15, p. 81-107, 2018.

GREENSPAN, S. I.; WIEDER, S. **Engajando o autismo**: usando abordagem de chão para ajudar, as crianças se relacionam, se comunicam, e pensam. Cambridge: Da Capo Press, 2006.

HARTUP, W. W. **Friendships and their developmental significance**. In: H. McGurk (Org.), *Childhood social development*. 1992.

HOLLERBUSCH, R. M. S. L. **O desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo**: Estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal. Universidade do Porto, 2001. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/10135>. Acesso em: 10 mar 2024.

IAOCHITE, R. T. *et al.* Autoeficácia no campo educacional: revisão das publicações em periódicos brasileiros. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 1, p. 45-54, abr. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2021**: Manual do Recenseador. CD 1.09. Rio de Janeiro: 2021.

KANNER, L. *et al.* Autistic disturbances of affective contact. **Nervous child**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943.

LACERDA, L. **Transtorno do espectro autista**: uma brevíssima introdução. Curitiba: CRV, 2017.

LEHFELD, N. A. S.; BARROS; A. J. P. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

LOCATELLI, P. B.; SANTOS, M. F. R. **Autismo: propostas de intervenção**. **Revista Transformar**, v. 8, n. 8, p. 203-220, 2021. Acesso: 10.out.2024.

LOPES, G.; FACHADA, R. Atividade física para crianças autistas. Reconstruindo a base sócio-familiar. **Efdeportes**, São Paulo, v. 17, n. 173, p. 7, 2012.

LOPES, T. B. Educação inclusiva e autismo: a educação Física como possibilidade educacional. **Realize**, Espírito Santo, v. 18, n. 20, p. 13-14, 2011.

MAROCCO, V.; REZER, C. R. Educação Física e Autismo: relações de conhecimento. In: Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 5, 2010, Santa Catarina. **Anais do V CSBCE**. Disponível em:
<http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/ewFile/1967/1056>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MENDES, T. M. **A importância da educação física para escolares com TDAH**. 2016. 25 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Educação Física, Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília, 2016.

MENDONÇA; C. **Educação Física Adaptada**. Inclusão de pessoas com deficiência em atividades físicas. 2019. Disponível em:
<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/educacao-fisica/educacao-fisica-adaptada>.
 Acessado em: 04 abr 2024.

MINAYO. M. C. S. Trabalho de campo: **contexto de observação, interação e descoberta**. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**./ Maria Cecília de Souza Minayo; Sueli Ferreira Deslandes, Romeu Gomes (org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MONTSERRAT, P. *et al.* A inclusão de alunos com TEA nas aulas de educação física pelo âmbito dos profissionais. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 14, 2023.

- NUNES, D. R. P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, p. 557-72, set./dez. 2013.
- OBADIA, S. A. Desvendando o Autismo e a Educação. **Estação Científica UNIFAP**, v. 6, n. 2, p. 33-41, 2016.
- ORRÚ, S. E. A Formação de Professores e a Educação de Autistas. **Revista Iberoamericana de Educación**, Espanha, v. 31, p. 01-15, 2003.
- POSAR, A.; VISCONTI, P. Atualização sobre crianças “minimamente verbais” com transtorno do espectro do autismo. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 40, p. e2020158, 2021.
- ROMAN, M. D.; MOLERO, E. S. S.; SILVA, C. C. B. Concepções de professores sobre a política de educação inclusiva: um estudo de caso. **Psicologia Escolar e Educacional**, Santos, v. 24, p. 1-8, jan. 2020.
- RODRIGUES, D. A Educação Física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **R. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2018.
- SAVALL, A. C. R.; DIAS, M. **Transtorno do Espectro Autista: do conceito ao processo terapêutico**. São José: FCEE, 2018.
- SCHWARTZMANET *et al.* Rastreamento de sinais e sintomas de transtornos do espectro do autismo em irmãos. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, [S.l.], v. 33, p. 116-120, 2011.
- SEABRA JÚNIOR, L. **Inclusão, necessidades especiais e educação física: considerações sobre a ação pedagógica no ambiente escolar**, 2006.
- SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- SILVA, M. C. **Educação Inclusiva**. Porto Alegre: SAGAH, 2018.
- SOUZA, T. A. **Conhecer e interagir: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e transtorno do espectro autista**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Editora Universitária, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/1211>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- STRAPASSON, A. **Apostila de Educação Física para Pessoas com Deficiência da Faculdade de Pato Branco**. Pato Branco: FADEP, 2006/2007.
- STRAVOGIANNIS, Andrea Lorena. **Autismo: uma maneira diferente de ser**. Literare Books, 2023.

TOMÉ, M. C. Educação Física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. **Revista movimento & Percepção**. Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n.11, p. 231-248, jul./dez. 2007.

TORRES, A. O. O acolhimento pedagógico de crianças no contexto educacional brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Inclusiva**, 2023.

WINNICK. J.P. **Educação Física e Esportes Adaptados**. 3 ed. Barueri: Manole, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE COLETA

QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL REFERENTE À PESQUISA ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ALUNOS AUTISTAS.

INFORMAÇÕES GERAIS: Este questionário faz parte da coleta de dados da pesquisa: **Estratégias de inclusão na Educação Física escolar: percepções e práticas dos professores em relação aos alunos autistas.** Não será divulgada ou exposta qualquer informação pessoal a seu respeito. Os resultados serão tabulados apenas com fins científicos. É muito importante que o Sr.(a) responda as perguntas com atenção e seja fiel nas respostas.

Nessa pesquisa pretendemos realizar um questionário sobre ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ALUNOS AUTISTAS. O TEA é definido como um transtorno do desenvolvimento neurológico e global, que está presente desde a infância, apresentando importantes déficits nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais. A pesquisa tem como objetivo principal averiguar as estratégias de inclusão que são utilizadas nas aulas de Educação Física Escolar realizadas nas práticas para atender as necessidades dos escolares com TEA em escolas regulares.

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Nome: _____

Idade: _____ Gênero: () Masculino () Feminino ()
Outro _____

Estado _____ Civil: _____

Renda familiar: () < salário mínimo () > salário mínimo

Formação: _____

Nível de formação: () Graduado () Especialista () Mestre () Doutor

Professor () Efetivo () Celetista

Tempo de atuação como professor: _____

CATEGORIA I - ENTENDIMENTO SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

- Defina, com suas palavras, o que é TEA.

CATEGORIA II - ENTENDIMENTO SOBRE INCLUSÃO

- Defina, com suas palavras, o que é inclusão escolar.

CATEGORIA III – ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

- Você utiliza estratégias para inclusão de alunos com TEA nas suas aulas de Educação Física? Se sim, responda os três próximos itens dessa categoria.

- Quais estratégias específicas você utiliza para promover a inclusão de alunos com TEA em suas aulas de Educação Física?

- Como você adapta suas atividades ou metodologias de ensino para atender às necessidades individuais dos alunos com TEA durante as aulas de Educação Física?

- Quais são as principais dificuldades ou desafios que você encontra ao tentar desenvolver/aplicar estratégias para incluir alunos com TEA em suas aulas de Educação Física?

CATEGORIA IV - DESENVOLVIMENTO MOTOR, COGNITIVO E SOCIAL DO ALUNO

- Você percebe ou identifica melhoras no desenvolvimento motor, cognitivo e social de seus alunos a partir da vivência em suas aulas? Se sim, justifique.

CATEGORIA V – SUGESTÕES ADICIONAIS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA

- Que tipos de suporte ou recursos adicionais você considera essenciais para melhorar a inclusão e participação dos alunos com TEA em aulas de Educação Física? Aqui, você pode apresentar sugestões levando em consideração as estratégias que você já utiliza e outras que você acredita que também poderão ser aplicadas.

Obrigada pela sua colaboração!

Assinaturas:

Participante: _____

Pesquisador: _____

_____, _____ de 2024.

APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA

APÊNDICE B – CARTA DE ANUÊNCIA



Secretaria Municipal de Educação de Monsenhor Hipólito – PI

Travessa 15 de Novembro, 255– 64650-000

Fone: (89) 3422-1330

CARTA DE ANUÊNCIA E DECLARAÇÃO DE INFRAESTRUTURA

Eu, Luiz Antônio da Silva Gomes Vidal, Secretário(a) da Secretaria Municipal de Educação de Monsenhor Hipólito-PI. Declaro, para os devidos fins, que permito o desenvolvimento do projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ALUNOS AUTISTAS”, sob a coordenação da professora Me. Ayla de Jesus Moura, nas dependências das escolas Unidade Escolar Municipal Judith da Silva Lima, Unidade Escolar Municipal Padre Cicero Romão Batista e Unidade Escolar Municipal José Policarpo. Afirmo ainda que as referidas escolas, possui infraestrutura adequada para a realização da pesquisa mencionada.

Monsenhor Hipólito – PI, 18 de setembro de 2024

Assinatura e Carimbo do(a) Secretário(a)

Luiz Antônio da Silva Gomes Vidal
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Portaria Nº 005/2021
CPF: 060.347.343-12

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título da Pesquisa: “ESTRATÉGIAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ALUNOS AUTISTAS”.

CAEE Nº: após aprovação do Comitê.

Nome do(a) Pesquisador(a) responsável/orientador(a): **Ayla de Jesus Moura**. Nome do(a) Pesquisador(a) orientado(a): **Vanessa de Sá e Sousa**.

Prezado(a) prof(a), você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como objetivo identificar estratégias de inclusão na Educação Física Escolar: percepções e práticas dos professores em relação aos alunos autistas, de escolares de escolas do município de Monsenhor Hipólito-PI. Estudos como este, podem pontuar a importância da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na Educação Física, além de servir como guia para que outros professores possam se desenvolver como profissionais, nesse âmbito. A sua participação é importante, porém, você não deve aceitar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça, se desejar, qualquer pergunta para esclarecimento.

Envolvimento na pesquisa: a pesquisa será realizada em escolas da zona urbana de Monsenhor Hipólito-PI CEP: 64650-000. Este projeto propõe utilizar-se somente de um questionário semiestruturado, com questões sociodemográficas e elaborado com base na abordagem de Costa, Silva e Santos (2015), cuja foi adaptado em 05 (cinco) categorias: I - Entendimento sobre o TEA; II - Entendimento sobre inclusão; III – Estratégias de inclusão de alunos com TEA nas aulas de educação física; IV - Desenvolvimento motor, cognitivo e social do aluno; e V – Sugestões adicionais para inclusão de alunos com TEA. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) nº 466/12.

Riscos, desconfortos e benefícios: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. Por outro lado, por se tratar de um momento voltado para entrevista e observação entre o pesquisador e participante, pode haver constrangimento por parte dos professores ao fornecer informações pessoais e profissionais, bem como dificuldades na compreensão das perguntas do questionário. Para as outras pessoas não há nenhum. No entanto, será apresentado como possível solução que o participante se sinta à vontade para perguntar e tirar possíveis dúvidas, as respostas pessoais e profissionais não serão divulgadas de modo algum, é apenas para nível de informação e de pesquisa.

Este estudo lhe oferece o benefício o estudo permitirá uma compreensão aprofundada das percepções e experiências dos professores em relação à inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física. Ao coletar dados de múltiplos professores, será possível compreender perspectivas e opiniões não generalizadas sobre o tema.

Os resultados do questionário podem ajudar a identificar desafios enfrentados pelos professores e destacar práticas eficazes de inclusão que possam ser compartilhadas e replicadas. As informações obtidas podem servir de base para o desenvolvimento de estratégias e intervenções que promovam uma maior inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física escolar.

Portanto, essa pesquisa pode gerar informações importantes sobre como acontecesse a inclusão das crianças com TEA nas aulas de Educação Física e as possíveis estratégias que podem ser aplicadas, contribuindo para os profissionais da área, bem como para a sociedade em geral.

Garantias éticas: Todas as despesas que venham a ocorrer com a pesquisa serão ressarcidas. O direito de assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário, em casos de danos decorrentes da pesquisa, está assegurado. É garantido ainda o seu direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Você tem liberdade de recusar a participação e ainda se recusar de continue participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Confidencialidade: é garantida a manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa, mesmo após o término da pesquisa. Somente o(s) pesquisador(es) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados. É garantido ainda que você terá acesso aos resultados com o(s) pesquisador(es). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa com o(s) pesquisador(es) do projeto e, para quaisquer dúvidas éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa. Os contatos estão descritos no final deste termo.

Você receberá uma via deste termo, assinado por você e pelo pesquisador responsável. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Monsenhor Hipólito-PI, _____ de _____ de 20__

Assinatura do Responsável pelo Participante

Assinatura

do Pesquisador Responsável pela Pesquisa

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA

Instituição: Universidade Estadual do Piauí-UESPI

Campus: Professor Barros Araújo- Picos

Pesquisador responsável/orientador: Ayla de Jesus Moura (e-mail: ayladejesus@pcs.uespi.br)

Telefone para contato do pesquisador: (89) 98803 5209

Demais pesquisadores da equipe de pesquisa: Vanessa de Sá e Sousa (e-mail: vdesaesousa@aluno.uespi.br)

RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

Pais ou responsável: _____

Grau de parentesco: _____

Telefone para contato: _____

() _____ - _____

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
RUA OLAVO BILAC, 2335 CENTRO– SALA DO CEP UESPI – TEREZINA/PI
TELEFONE DO COMITÊ: 3221 4749/32216658 – R-30 E-MAIL: comitedeeticauespi@uespi.br